

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**FRACASSO ESCOLAR
CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DO FRACASSO
ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS**

MARGARETE MANGUEIRA ROLIM

**16.5 - PB
80 - 2010**

MARGARETE MANGUEIRA ROLIM

FRACASSO ESCOLAR
CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DO FRACASSO ESCOLAR
NOS ANOS INICIAIS

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Docência do Curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores, na Universidade Federal de Campina Grande como exigência parcial para conclusão do Curso.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Débia Suênia Sousa Silva

CAJAZEIRAS – PB
DEZEMBRO - 2010



R748f Rolim, Margarete Manguiera.
Fracasso escolar causas e consequências do fracasso escolar nos anos iniciais / Margarete Manguiera Rolim.-
Cajazeiras, 2010.
50f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2010.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Avaliação. 2. Fracasso escolar - causas. 3. Ensino fundamental. 4. Fracasso escolar - séries iniciais. I. Sousa, Débia Suênia da Silva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.091.26

A meus pais, Francisco Rolim e Joana Manguiera, por ter me possibilitado a vida, a eles minhas gratidões.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

RECONHECIMENTOS

A Professora Mestre Débia Suênia Sousa Silva, pelas contribuições e orientações durante todo o processo de escrita deste projeto.

Ao meu esposo, Renato dos Santos, que sempre esteve ao meu lado, não me deixando abater diante de algumas dificuldades encontradas durante todo o percurso deste curso.

As colegas, em especial: Gilvanete, Gisele, Vanda, Cilene e Socorro, que sempre me incentivaram nos momentos difíceis, nos quais cheguei a pensar em desistir do curso, e em meio a tantas conversas não me deixaram fazer este ato.

Aos demais professores do Curso de Pedagogia, do Centro Acadêmico de Educação, pelas teorias, explanações e discussões acerca dos conhecimentos repassados para nós estudantes, nos quais nos levaram a repensar o que já conhecíamos e assim desmitificar algo em torno a educação. A eles, sinceros agradecimentos.

A graduada em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Francisca Ferreira de Souza, por ter feito a tradução do resumo para uma língua estrangeira e pela correção ortográfica desta monografia.

A grande conquista da inteligência seria poder, enfim, se libertar da ilusão de prever o destino humano. O futuro permanece aberto e imprevisível.

EDGAR MORIN.

RESUMO

O presente trabalho teve seu início com o estudo do fracasso escolar, e seu objetivo foi pesquisar, investigar e analisar aspectos referentes à sua problemática nas séries iniciais da Escola de Ensino Fundamental Vicente Felizardo Vieira, localizada no Distrito de Felizardo, município de Ipaumirim, no estado do Ceará. Tomando como embasamento teórico, alguns autores como: José Carlos Libâneo, Selma Garrido, Jussara Hoffmann, Içami Tiba, David Fontana, dentre outros, que contribuíram com o desenvolvimento desse tema. Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas entrevistas com os alunos, sendo uma investigação do tipo qualitativa e quantitativa, essas sendo do tipo semi-estruturadas partiram de conversas informais com alguns dos educandos. Para a coleta do material foi utilizado gravador e, em seguida foram feitas a transcrição dos dados. O estágio supervisionado também foi parte do processo metodológico, pois o mesmo proporciona entender, questionar e problematizar o tema em questão, mostrando como é a prática docente e, com isso perceber os reais problemas que propiciam o fracasso escolar dos alunos aqui estudados. Ao concluir este trabalho, percebe-se que não existe um único "culpado" pelo fracasso escolar. No entanto, é discutindo, estudando e pesquisando, que pode-se criar novas teorias capazes de dar maiores subsídios juntamente com as teorias antigas para a solução de tal problema. Nesta perspectiva, a coleta dos dados desta pesquisa, se coloca como fonte de recursos que deram possibilidades para construção de soluções que venham ajudar aos alunos a desenvolverem-se e assim não desistirem dos estudos, evitando com isso a evasão, dando oportunidades e possibilidades de discussão e construção de respostas para uma aprendizagem mais eficaz, mantendo o aluno estudando e aprendendo, evitando a continuidade do fracasso escolar.

Palavras-chave: Fracasso escolar. Aluno. Aprendizagem.

ABSTRACT

This work had its beginning with the study of school failure, and his goal was to research, investigate and analyze aspects related to their problems in the early grades of elementary school, Felizardo Vicente Vieira, located in the District of Felizardo, Ipaumirim municipality in state of Ceara. Taking as a theoretical basis, some authors such as Jose Carlos Libâneo, Selma Garrido, Jussara Hoffmann, Içami Tiba, David Fontana, among others, who contributed to the development of this theme. To develop the research interviews were conducted with students, being an investigation of the type qualitatively and quantitatively, these being the semi-structured departed from informal conversations with some of the students. To collect the material was used recorder, and then were made to data transcription. The supervised training was also part of the methodology because it provides understand, question and discuss the topic, showing how the teaching practice and thus realize the real problems that lead to school failure of students studied here. Upon completion of this work, one realizes that there is no single "guilty" for school failure. However, it is discussing, studying and researching, which can create new theories capable of giving more subsidies along with the old theories to solve this problem. In this perspective, the collection of research data, arises as a resource that gave opportunities to build solutions that will help students to develop themselves and thus do not give up their studies, thereby avoiding the escape, giving opportunities and possibilities discussion and answers to build a more effective learning, keeping students studying and learning, avoiding the continuity of school failure.

Keywords: Academic failure. Student. Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I	12
1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	12
1.1 Sujeitos e local da Pesquisa.....	13
1.2 Instrumentos de coleta de dados.....	13
1.3 Abordagens da Pesquisa.....	14
1.4 O estágio supervisionado em docência.....	15
CAPÍTULO II.....	16
2. FRACASSO ESCOLAR.....	16
2.1 Fracasso Escolar: Um fenômeno que afeta as diferentes classes sociais.....	17
2.2 Repetência e Evasão.....	18
2.3 A atribuição do fracasso escolar às crianças de classes populares.. ..	20
2.4 Rendimento escolar: Avaliação.....	22
CAPÍTULO III	26
3. O DIÁLOGO E SUAS POSSIBILIDADES.....	26
3.1. A entrevista com os alunos e suas revelações	27
CAPÍTULO IV	32
4. Estágio: Espaço de reflexão e construção da prática docente.....	32
4.1 Estágio práxis da construção docente.....	33
4.2 Estágio: possibilidades de redimensionamento da docência.....	35
4.3 Docência: Espaço de desenvolvimento, reflexão, recriação e construção de aprendizagem.....	38
4.4 O primeiro passo para o caminho da leitura.....	40
CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

Atualmente a educação passa por vários problemas, dentre os principais está o fracasso escolar. A escola deve promover a aprendizagem de todos os seus alunos e assegurar uma trajetória de sucesso, o que requer a interação social e cooperação da escola com a família.

Analisando os problemas encontrados na Escola de Ensino Fundamental Vicente Felizardo Vieira, que fica localizado no Distrito de Felizardo, município de Ipaumirim – Ceará, na qual foi desenvolvido esse trabalho, foi constatado que a infrequência dos alunos nas aulas é problema que a escola enfrenta, por motivo de transportes, pois parte dos alunos moram na zona rural, necessitando de meios para chegar à escola, e, isso acaba contribuindo para ao fracasso escolar dos mesmos, prejudicando também o trabalho do educador e a aprendizagem dos alunos, que acabam desestimulando-se chegando a repetir o ano. Ao lado desse problema, relatos de professores mostraram que o não acompanhamento dos pais também é um fator que interfere no processo de aprendizagem dos alunos.

No entanto, manter os alunos na escola e desenvolver a aprendizagem dos mesmos não é uma tarefa fácil, o que leva o fracasso escolar a ser uma das maiores preocupações dos docentes da rede pública.

Compreendendo fracasso enquanto a não - aprendizagem do aluno, reprovação, desistência, etc., e enquanto um processo social e histórico é necessário buscar respostas no ambiente em que o mesmo ocorre ou que o aluno está inserido. Diante disso, é preciso buscar compreender a relação do aluno nos diversos espaços e assim encontrar as causas e respostas do fracasso escolar do mesmo.

Nesse sentido, o trabalho dos docentes é desenvolver melhores condições para que os alunos desenvolvam e aprimorem a aprendizagem de forma produtiva.

Trabalhando em uma escola pública municipal é possível comprovar que os alunos passam de um ano para outro, sem saber ler e muitos nem sequer sabem escrever. Possivelmente, pelo fato de que as políticas públicas do nosso país visam mais a quantidade nas salas de aulas do que a qualidade no ensino e, nós docentes, na maioria das vezes, somos obrigados a aceitar as normas da escola. É preciso procurar desenvolver na sala de aula um trabalho satisfatório e da melhor forma possível, pois, lidamos com crianças que moram na zona rural, que necessitam de transportes para se

locomover à escola, crianças que em casa os pais não têm uma estrutura familiar, não sabem ler e escrever e outras que vivem nas ruas em meio à prostituição e drogas.

Portanto, este trabalho se propõe a pesquisar e analisar aspectos referentes à problemática do fracasso escolar nas séries iniciais do ensino fundamental da Escola de Ensino Fundamental Vicente Felizardo Vieira, e, através dela, revelar dados que ajudem a resolver este problema que envolve a educação. No qual, será realizado um trabalho específico com os alunos do 2º ano, buscando encontrar as causas que os levam ao fracasso escolar.

Nesse sentido, tomarei como embasamento teórico, alguns autores como: José Carlos Libâneo, Selma Garrido, Jussara Hoffmann, Içami Tiba, David Fontana, dentre outros, que contribuíram com o desenvolvimento desse tema.

Deste modo, a coleta dos dados desta pesquisa, se coloca como fonte de recursos que possibilitem a construção de soluções que ajudem aos alunos a desenvolverem-se e não desistirem dos estudos, evitando a evasão, contribuindo assim, com a educação do município, abrindo oportunidades e possibilidades de discussão e construção de respostas para uma aprendizagem mais eficaz, mantendo o aluno estudando e aprendendo, evitando a continuidade do fracasso escolar.

Em sua estrutura trabalho está dividido em capítulos, seguidos de conclusão, referências e anexos.

No primeiro capítulo estão abordados os procedimentos metodológicos, como se deu o processo de elaboração da pesquisa, os sujeitos e o local da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, as entrevistas, como foram realizados a abordagem da entrevista, como se deu a observação da sala de aula do estágio supervisionado.

O segundo capítulo trata da questão do Fracasso Escolar, um fenômeno que afeta as diferentes classes sociais, a repetência e evasão, causa que também leva a criança a fracassar, a atribuição do fracasso escolar as crianças das classes populares, e o rendimento escolar das crianças que são realizadas por meio das avaliações.

O terceiro capítulo apresenta a compreensão dos alunos sobre quais são as reais causas do fracasso escolar e os problemas que afetam na aprendizagem de ordem biológica e social.

O quarto capítulo foi desenvolvido a temática do estágio entendendo-a como práxis que possibilita a construção e a reflexão docente. Buscou-se problematizar, questionar essa temática no sentido de entender como o estágio possibilita o contato com a realidade dos alunos, nos ajude a entender e compreender a complexidade do ato

de ensinar e dos problemas que nossa educação enfrenta, bem como o entendimento da necessidade de estarmos em constante reflexão e mudança de nossa prática docente para atender a complexidade daquela realidade.

CAPÍTULO I

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo trata da metodologia usada para desenvolver essa pesquisa, os passos do seu desenvolvimento, as formas de abordagens, os caminhos a serem trilhados, os locais, os sujeitos envolvidos, os materiais usados, a observação a ser feita, a temática a ser trabalhada e o objetivo a ser alcançado.

Para realização da pesquisa traçou-se um aparato teórico analisando as causas e as consequências do Fracasso Escolar, procurando identificar e compreender as atitudes e concepções dos professores frente a este problema.

O desenvolvimento da pesquisa foi mediante um processo de estudos, observações, e entrevistas, na qual se caracterizou como uma investigação do tipo qualitativa e quantitativa. As entrevistas de modalidade semi-estruturada partiram de conversas informais com alguns dos educandos. O estágio supervisionado também foi parte do processo metodológico, pois o mesmo nos propiciou entender, questionar e problematizar o tema em questão, propiciando ir a fundo nessa temática, vendo-a a luz dos teóricos e da realidade vivenciada por mim que nos propiciou termos uma noção mais apurada da prática docente e, com isso perceber os reais problemas que propiciam o fracasso escolar dos alunos aqui estudados.

1.1 Sujeitos e local da pesquisa

A referida pesquisa foi realizada com alunos do ensino fundamental dos anos iniciais da Escola de Ensino Fundamental Vicente Felizardo Vieira, no Distrito de Felizardo, município de Ipaumirim, Ceará. Alunos estes das turmas de 2º. Ano, crianças que tem entre sete e oito anos de idade.

1.2 Instrumentos de coletas de dados

A coleta de dados ocorreu mediante o processo de entrevista semi-estruturada, onde os alunos puderam se expressar espontaneamente respondendo as questões propostas. O uso de gravador foi essencial para a coleta das falas e dos diálogos dos mesmos, onde alguns apresentaram reação diante do gravador, mas com a modernidade das coisas, em sua maioria os alunos não apresentaram reação, reagindo bem a situação propiciada pela pesquisa.

As entrevistas foram realizadas com algumas crianças da referida escola, esses alunos foram escolhidos aleatoriamente, não tendo nenhum parâmetro para sua escolha, mas considerando apenas que possam emitir opiniões ou pareceres às questões feitas. A entrevista se dá “por meio de um gravador ou vídeo, desde que assentido pelo(s) entrevistado(s), com ou sem um roteiro prévio”. (SILVA; SILVEIRA, 2007. p.158).

Portanto, para se fazer as entrevistas foram feitas perguntas de forma individual com alguns alunos, em meio a uma conversa informal, onde buscou – se colher dados que respondam as questões levantadas durante a entrevista. As questões abordadas buscaram enfatizar aspectos da vida dos mesmos, se há acompanhamento da família em seus estudos, etc.

A observação da realidade dos alunos durante o processo de desenvolvimento da pesquisa também foi recorrente enquanto recurso e ferramenta para atingir os objetivos traçados. Foi através da observação que pude compreender e ter contato com a realidade dos alunos, percebendo a complexidade dos mesmos, a pluralidade, os problemas, bem como a tônica e os elementos que determinam, influenciam e margeiam esses, percebendo que a educação enquanto algo social é no mínimo complexo e, a construção de soluções para esses problemas passa pelo social, pela coletividade e, isso é mais

complexo ainda. Observar esses alunos, os olhares, o contato com as mães quando lhes vem ao encontro na sala, a alegria na hora do intervalo, a satisfação em ter uma refeição, estar em contato com os outros, brincando, correndo, brigando, chorando, revela não só a inocência, mas as qualidades humanas e a ânsia por esse contato, essa afetividade, contato com os outros, um rio, um afago, uma partilha, coisas tão comuns, mas que muitas vezes não tem em casa, só encontrando na escola. Como mostra Gonsalves, ao relatar que:

[...] a observação do mundo não se presta à conclusão, nem mesmo à mania classificatória própria do pensamento moderno. É preciso afirmar uma postura mais respeitosa com as múltiplas experiências da vida cotidiana, distanciada das noções afirmadas pela Razão Moderna. (GONSALVES, 2007 p.53.).

Sendo assim, a observação nos proporciona perceber os bastidores da realidade, o não dito, o margeado, mas que fazem parte e constituem a realidade e parte da pesquisa. Foi a partir da observação que pude melhor entender os alunos, mas também os problemas que envolvem sua aprendizagem, bem como entender a escola como espaço de inclusão, socialização, reconhecimento e construção dos indivíduos e de um sentimento de comunidade e sociedade.

1.3 Abordagens da Pesquisa

As entrevistas foram semi-estruturadas, ou seja, com perguntas abertas, feitas oralmente em ordem prévia, mas na qual o entrevistador pode acrescentar questões de esclarecimentos ou instigar as respostas do entrevistado". (SILVA; SILVEIRA, 2007. p.158).

Nesta perspectiva, os questionamentos realizados instigaram os entrevistados a se expressarem voluntariamente e espontaneamente ao passo que o entrevistador fez as perguntas, permitindo que a pesquisa ocorra naturalmente, tornando-a mais eficaz, evidente e legítima, permitindo a construção dos dados, evitando qualquer interferência ou julgo de valor que interfira ou influencie no resultado final da mesma.

1.4 O estágio supervisionado em docência

A princípio foi construído o “Portfólio” com a escrita dos planos das aulas ministradas durante o período de estágio supervisionado em docência, com seus respectivos acervos como: fichas, cartazes, atividades e todos os recursos didáticos que seriam utilizados nas aulas. Também foi providenciado um caderno, no qual foram registrados os procedimentos usados nas aulas e seus resultados, tendo como título “Diário de Campo”. Portanto estes se constituem como fontes documentais nessa pesquisa, uma vez que registram as memórias do estágio. Todos estes documentos serviram como subsídios para o desenvolvimento das aulas, segundo alguns autores;

Os documentos como alguns já disseram, não falam por si, os historiadores obrigam que eles falem, inclusive, a respeito de seus próprios silêncios. E para realizar tal procedimento, utilizamo-nos de teorias e de procedimentos metodológicos que são, por sua vez, lugares de linguagem, modos de narratividade (DECCA apud SANTOS, 1998, p. 23).

Portanto, é através de algumas fontes documentais que nós docentes podemos ministrar uma boa aula, pois precisamos de referências para a elaboração do plano de aula com uma metodologia adequada a cada situação. Sem um ponto referencial, o professor não conseguirá realizar um bom trabalho em sala de aula.

CAPÍTULO II

2. FRACASSO ESCOLAR

Esse capítulo trata da discussão e definição da temática desenvolvida, mostrando sua problemática na escola e sociedade, suas causas, efeitos, sua dimensão social, como se manifesta e atinge todas as classes sociais, como possibilita outros problemas que interferem no desenvolvimento do aluno e da sociedade, bem como as possibilidades de superação desse problema e o questionamento teórico e prático da mesma.

2.1 Fracasso escolar: um fenômeno que afeta as diferentes classes sociais

Para focar as perspectivas do fracasso escolar, no presente estudo de caso, se faz necessário uma reflexão sobre o fenômeno.

Os estudos sobre o tema Fracasso Escolar, não é um problema atual, ele advém de outras épocas. Vários estudiosos apontam as diversas causas que ocasionam o fracasso, tais como: desgastes familiares, as péssimas condições de vida do aluno, escolas inadequadas, professores não bem capacitados, etc. O fracasso escolar é um fenômeno que afeta toda a sociedade. É um problema complexo, que atinge as várias camadas, desde a classe baixa como também a classe média.

Neste sentido, é preciso que os docentes façam uma reflexão sobre a sua concepção de ensino-aprendizagem, no que diz respeito à avaliação, a sua metodologia, enfim a forma de transmitir os conhecimentos. Pois, a avaliação é vista como um diagnóstico da aprendizagem.

Compreendendo que o bom ensino é aquele que incentiva o aparecimento de novas formas de pensar, sentir e perceber o real, permitindo que os alunos tenham acesso a novos níveis de aprendizagem. A esse respeito, é importante perceber que: “a escola percebe facilidades, dificuldades e outras facetas na criança que em casa não eram observadas, muito menos avaliadas”. (TIBA, 2002, p. 182).

No entanto, o que percebemos é que a escola não respeita a cultura do aluno, impondo a cultura dominante. Como o aluno não se reconhece no contexto da escola, acaba por fracassar.

Nesta perspectiva, cabe a escola buscar compreender as possíveis causas que levam o educando a fracassar, o que na maioria das vezes a família não percebe ou não procura compreender, assim, o professor precisa está atento para o desenvolvimento de seus alunos. Sendo assim, Hoffmann aborda que,

Como o professor não pode pensar, pesquisar, elaborar, argumentar pelo aluno, sua função é, em primeiro lugar, não atrapalhar a participação ativa do aluno, e, em segundo lugar, apresentar-se como parceiro da mesma jornada. No fundo, precisa fazer o aluno trabalhar, colocá-lo no centro do processo escolar, apoiar e exigir engajamento efetivo no processo de reconstrução do conhecimento, divisando nisto o cuidado com a qualidade formal (bom manejo do conhecimento) e

política (desenvolvimento da cidadania). (HOFFMANN, 2005. p. 65 apud. DEMO, 2004, p.84).

Cabe ao professor, ser o mediador entre o aluno e os conhecimentos, levando-o a pesquisar, analisar, comentar sobre o que está sendo discutido em sala de aula. Fazendo com que o aluno possa participar ativamente das aulas, tornando-se crítico e participativo no processo de ensino e aprendizagem.

2.2 Repetência e Evasão

A reprovação é uma das questões que incomoda os sistemas de ensino, portanto,

Socialmente, a repetência reforça o círculo vicioso das baixas expectativas, do baixo rendimento, da baixa auto-estima e do fracasso escolar. Os pais interpretam as baixas qualificações de seus filhos como um sinal de sua incapacidade de aprender. Dessa forma, a repetência reforça as piores expectativas dos pais em relação a seus filhos, seu futuro e sua própria condição familiar. (MARCHESI; GIL. 2004. p. 39).

Neste sentido, a repetência é um fator agravante do fracasso escolar, trazendo ao aluno um desequilíbrio psicológico e falta de interesse, provocando comportamentos alienantes e, a baixa auto-estima, levando-o ao mau rendimento escolar. Como entendimento a essa concepção,

[...] baseiam-se no princípio de não reprovar na educação básica com base em pesquisas e consistentes fundamentos teóricos que comprovam que as crianças não aprendem mais, ou melhor, quando repetem o ano letivo – pelo contrário, as consequências são desastrosas em termos de sua continuidade nos estudos e de sua auto-estima. (HOFFMANN. 2005, p. 61).

Numa visão mais ampla sobre esse fenômeno que, já se tornou um fato social – a repetência – verificamos que os prejuízos são irreparáveis, para o aluno que é rotulado como incapaz e obrigado a frequentar novamente a mesma série, revendo os mesmos conteúdos, mesmo aqueles conteúdos nos quais já foram por ele assimilados. Sendo assim,

[...] o fracasso repetido tem, em si, um efeito prejudicial para as crianças, porque reduz sua auto-estima e sua imagem diante de seus colegas e professores, levando geralmente a uma diminuição da autoconfiança, das aspirações e, muitas vezes, do esforço, pois as crianças resignam-se a crença de que 'não conseguem' realizar as tarefas pedidas. (FONTANA. 1998. p. 186).

São vários os papéis assumidos pela repetência no contexto do aluno. O professor, ao observar algum tipo de mudança no aluno que não teve um bom desempenho em certas atividades, deve procurar identificar o motivo de tal problema. Portanto, um teste de inteligência é útil neste ponto, mas, para isso seria preciso um acompanhamento de um psicólogo educacional. Com essa ajuda, a criança seria capaz de recuperar e acompanhar o mesmo conteúdo de seus colegas, obtendo com isso, um resultado positivo.

Verificando todo esse contexto relacionado à repetência, podemos indicar que várias causas aprofundam a dimensão desse fenômeno, entre eles: a falta de assiduidade dos alunos, devido a fatores como: situação de pobreza, de trabalho precoce, pois, alguns alunos precisam começar a trabalhar muito cedo para ajudar a família nas despesas.

Neste contexto, cabe lembrar o que a escola pode fazer no que diz respeito à repetência: sensibilizar, aconselhar, mobilizar as famílias e a comunidade, estimular a assiduidade regular às aulas por parte dos alunos. O papel do professor é proporcionar um bom desenvolvimento em sala de aula para evitar qualquer tipo de frustração em determinadas crianças que mostram dificuldades em determinados conteúdos. Com essa perspectiva,

A primeira tarefa do professor, portanto, uma vez estabelecido que tais crianças não pertencem à categoria 'QI baixo', é identificar o fator responsável por seu atraso, [...], os principais fatores com probabilidade de levar a um atraso no progresso escolar são: problemas físicos, problemas pessoais, ambientais e emocionais. (FONTANA. 1998. p. 189).

Os problemas físicos que podem levar a criança ao atraso na escola são: problemas de visão, audição, gagueira ou alguma outra doença que leve o aluno a ausentar-se das

aulas por algum tempo, o professor deve saber como lidar com estes problemas. Já os problemas pessoais, são aqueles nos quais, a criança sente-se insegura, ocorrendo quando a esta muda de uma sala de aula para outra, ou até mesmo de uma escola para outra. A princípio a criança apresentará certas dificuldades para adaptar-se com os novos colegas, com a nova professora. Outro fator importante é o psicológico, crianças que recebem maus tratos em casa, que passam fome, vivem num ambiente onde os pais não se entendem, ou não dão carinho a seus filhos, bem como também, a falta de condição dos pais em acompanhar as tarefas escolares dos seus filhos aparecem como um dos meios de seleção e exclusão do aluno, pois o aluno fica somente a espera da escola para apoiá-lo, e esta não estando bem estruturada para dar tal apoio, a consequência é levá-lo a repetência.

2.3 A atribuição do fracasso escolar às crianças das classes populares

O fracasso escolar é atribuído aos alunos das classes menos favorecidas pela incapacidade de aprender ou até mesmo pelas condições de vida. As crianças e adolescentes pertencentes às classes populares já trazem para a escola um forte sentimento de inferioridade e de culpa que resultam conseqüentemente em fracasso escolar, cabendo ao professor, “Despertar o interesse dos alunos pela aprendizagem e conseguir que participem na vida da escola e se sintam vinculados a ela é uma garantia para reduzir o fracasso escolar”. (MARCHESI; GIL, 2004. p. 32).

Se o professor, manter um bom relacionamento com seus alunos, buscando fazer com que todos participem das aulas, essas crianças em situação de risco escolar, irão encontrar meios para se interessar pelas aulas, tornando-se mais participativo e assim, não abandonarão os estudos prematuramente, como afirmam Marchesi e Gil.

Os jovens que abandonam prematuramente o sistema educativo ou que não alcançam a qualificação mínima necessária têm pouca confiança em suas possibilidades e uma baixa motivação para se incorporar a programas de formação. (2004. p.18).

Neste sentido, esses jovens buscam outros caminhos diferentes da educação, e assim, acabam destruindo suas vidas e levando sérios problemas para a família, que é a responsável pela educação de seus filhos. Neste sentido, Marchesi e Gil, mostram que,

[...] a influência da família é muito mais ampla e variada. Por um lado, é útil incorporar o conceito de capital cultural da família, baseado sobretudo na linguagem, na formação, nas possibilidades culturais e profissionais e nos vínculos sociais para analisar as relações entre o ambiente familiar e o ambiente escolar. (2004, p. 24).

Portanto a família é a responsável pelo capital cultural de seus filhos, pois, o sucesso do aluno na escola depende também da formação familiar, da cultura de cada família. Quando falo em capital cultural, refiro-me a influência que os pais têm no aprendizado de seus filhos, independentemente de sua classe social, pois a realidade é que as famílias de camadas populares têm menos chances de obter sucesso na escola, devido ao nível de escolaridades de seus pais, que na maioria das vezes não tiveram oportunidades de estudar como mereciam, pelo fato de terem de trabalhar logo cedo para ajudar aos seus pais, e assim acabam nem concluindo o ensino básico.

Por outro lado, Fontana mostra que:

[...] cometer erros não é evidência de fracasso, mas uma parte integrante e essencial do processo de aprendizado. Ao refletir sobre como e onde elas erraram, as crianças aprendem com esses erros e desenvolvem estratégias para lidar com eles no futuro. Assim, o fracasso escolar é mais uma atitude mental, do que uma realidade objetiva. (1998, p.237).

Neste caso, é preciso que o professor encontre estratégias eficientes para informar que o aluno errou, onde ele errou e o porquê, de forma que a criança não se sinta envergonhado diante de seus colegas. É bem certo que, ninguém gosta de ser chamado a atenção, ou que exibam suas notas baixas diante de seus colegas na sala de aula. Isto ocorrendo é capaz de levar a criança a apresentar baixos níveis de motivação, pois, o seu insucesso em uma atividade pode também está ligado ao seu estado de ansiedade, na sua dificuldade de interpretar as questões propostas e até mesmo a não organização de pensamento. Neste sentido,

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore no conteúdo do ensino transmitido, nos métodos e nas técnicas de transmissão e nos critérios do julgamento, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais: em outras palavras, tratando todos os alunos, por mais desiguais que sejam de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar, na verdade, sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura. (PERRENOUD, 2000, p.25).

Nesta perspectiva, o professor não pode deixar transparecer que na sua sala há alunos que sabe mais, ou até mesmo que aprende mais rápido do que outros, sendo que terá que trabalhar de forma que leve a igualdade de todos seus alunos.

2.4 Rendimento escolar: avaliação

Ao longo da história da educação do nosso País, foram sempre muito debatidas as causas que levam os alunos a um baixo rendimento, dentre elas, é do nosso conhecimento os problemas físicos que envolvem a saúde e a ansiedade; o método de ensino utilizado pelos professores que acontecem frequentemente por inexperiência ou falta de compromisso, e também falta de criatividade; o ambiente escolar também pode ser outra causa na qual deve-se considerar importante, pois na maioria das vezes não atende os anseios dos respectivos alunos; e por fim os fatores emocionais são os mais frequentes e aparecem claramente colocadas a partir de influências familiares e do desempenho do professor assim como a interação na sala de aula.

O rendimento escolar é muito evidente na vida cotidiana dos alunos e bastante preocupante para os educadores das escolas públicas, no Brasil. Um grande número de alunos tem apresentado rendimento insatisfatório, principalmente aqueles alunos nos quais as famílias são afastadas da escola, não participando da vida escolar de seus filhos. Alguns deles pela falta de afeto, na maioria das vezes tornam-se desmotivados e rebeldes na sala de aula.

Em relação ao baixo rendimento escolar dos alunos deve-se primeiramente diagnosticar se as dificuldades de rendimento insatisfatório provêm de problemas de aprendizagem ou problemas familiares. Dentro da visão de Marchesi; Gil (2004, 84):

[...] a luta contra o fracasso requer pelo menos incidir nos parâmetros econômicos de certas camadas sociais; transformar as condições urbanísticas do meio em que vivem; implementar políticas familiares que facilitem a sobrevivência de núcleos de segurança, relação e ajuda, e otimizar a escola para que possa satisfazer às necessidades dos diferentes grupos e indivíduos que a frequentam. (MARCHESI; GIL. 2004, p.84).

Diante do exposto, é indispensável a presença da família como parte importante no processo ensino e aprendizagem, devendo haver por parte da instituição condições que possibilitem a parceria família e escola. Também se faz necessário que o professor mantenha um diálogo informal com a criança de baixo rendimento, procurando ajudá-la da melhor forma possível, dando ênfase ao seu crescimento de forma integral, levando-a a aprender a se auto-avaliar e assim buscar novos caminhos com sabedoria. Agindo assim, o educador mostrará que está acreditando nas possibilidades de avanço desse aluno, estimulando-o, oferecendo ferramentas para que ele possa aprimorar sua capacidade de aprender. Neste sentido, Demo nos diz que,

Aprender a aprender, saber pensar, informar-se e refazer todo dia a informação, questionar. Conhecimentos pertinentes e, sobretudo seu manejo propedêutico são base para o exercício do papel de sujeito participativo e produtivo. (2000, p. 89).

Sendo assim, o compromisso do professor é estar orientando e acompanhando o processo de construção de seus alunos onde o processo de ensino e aprendizagem privilegie o entendimento e não a memorização do objeto em estudo, buscando oferecer já nos anos iniciais na vida escolar o conhecimento do exposto diante da realidade, fazendo com que os alunos tornem-se participativos nas aulas, onde possam questionar, indagar e assim tornar-se uma criança interativa, facilitando assim, o seu desenvolvimento. Desta forma o professor acabará atraindo a participação de seus alunos nas aulas, tornando os momentos em sala de aula proveitosos, agradáveis e de bom rendimento.

Um grande número de alunos tem demonstrado um rendimento insatisfatório, principalmente os que moram afastados da nossa comunidade, na zona rural, talvez pela dificuldade de transportes, ou mesmo a distancia da instituição. Diante disto, é preciso que se faça um diagnóstico, se as dificuldades provêm de problemas como: a distância entre casa e escola, problemas familiares, ou problemas na aprendizagem.

Sendo assim, é necessário que o docente procure “[...] pensar no aluno, em como vive, em como aprende, em que coisas aprende, sobre com quem aprende, entre tantas outras questões, como ponto de partida para aprender a avaliar”. (HOFFMANN, 2005 p.68).

A avaliação vista como diagnóstico da aprendizagem sendo utilizada tanto em descrições qualitativas como quantitativas, sempre foi tida como uma atividade de controle, pois incluem uns e excluem outros. Faz-se necessário que cada professor tenha um bom conhecimento sobre a posição da avaliação, para poder utilizá-la bem, devendo avaliar o aluno à medida que constata o grau de aprendizagem dos educandos. Neste sentido, Luckesi (1997, 64) diz que;

[...], a prática escolar e, conseqüentemente a prática docente deverão criar condições necessárias e suficientes para que essa aprendizagem se faça da melhor forma possível. Isso significa que a prática escolar e docente desenvolverão meios efetivos pelos quais os educandos, de fato, aprendam os conteúdos que estão sendo propostos e ensinados. (LUCKESI, 1997, p. 64).

Nesta perspectiva, faz-se necessário que os docentes iniciem a tarefa de avaliação desde o primeiro dia de aula e durante todo o percurso do ano letivo. O professor poderá utilizar varias formas para avaliar seus alunos, de maneira formativa, na qual, é uma avaliação realizada durante o decorrer de todo o ano, com intuito de verificar se os alunos estão atingindo os objetivos planejados. Outro tipo de avaliação é a somativa, aquela que é realizada no final de uma unidade de ensino, classificando os alunos e promovendo-os para a turma seguinte.

Mesmo depois de tantas avaliações realizadas durante todo o ano letivo, o fracasso de uma criança só é visto no final do ano escolar, onde se faz uma análise dos que foram promovidos, os evadidos e os que foram reprovados. Esta análise deveria ser processual, visando com isso, recuperar o aluno que apresenta baixo desempenho na escola. Neste sentido, a avaliação formativa é essencial para o acompanhamento do desenvolvimento dos processos educativos dos educandos nela inseridos.

Portanto, o compromisso do educador deve ser o de estar acompanhando o processo de construção de seus alunos, na perspectiva de que entendam e compreendam e não busquem na memorização a sua aprendizagem. O professor precisa ser um pesquisador atualizado, pois é preciso buscar outros conhecimentos sempre, caso contrário este não conseguirá dar conta de seu papel no dia-a-dia da sala de aula.

Sobre as atitudes do aluno propenso ao fracasso escolar os professores apontam o desinteresse e a indisciplina. Cabe ressaltar que, muitas vezes, a criança se comporta de forma rebelde, deseducada, como uma maneira de expressar as suas frustrações escolares, deixando sinais de necessidades de processos escolares diferenciados ou da ajuda de outros profissionais. O que ocorre, muitas vezes, é que sem preparo suficiente para identificar e ajudar o aluno, como, por exemplo, encaminhando-os à profissionais competentes, os professores reprovam as suas atitudes, sem colocar em questão a própria prática.

CAPÍTULO III

3 O DIÁLOGO E SUAS POSSIBILIDADES

Este capítulo apresenta a concepção dos educandos sobre as reais causas do fracasso escolar, bem como buscar entender a pluralidade e complexidade dos alunos e dos problemas que os afetam na sua aprendizagem e outros problemas de ordem biológica e social que os afetam , procurando entendê-los para que não haja uma defasagem na aprendizagem dos mesmos.

3.1 O contato com os alunos, as abordagens e suas possibilidades

Compreendendo a educação enquanto algo eminentemente social, portanto historicamente construído a partir de relações sociais, políticas, econômicas e culturais diversas, o que a torna por isso conflituosa, contraditória, difusa, complexa. Nesse sentido o processo educativo é também fruto das relações e do contexto ao qual está inserido, não estando, pois alheio ao mesmo, mas sendo parte do mesmo. Diante disso é dedutível que os possíveis problemas que alunos enfrentam têm também suas causas no contexto social que estes vivenciam.

Nesse sentido, desenvolve-se a pesquisa, tentando compreender dos alunos os reais motivos do fracasso escolar, incitando-os com perguntas diversas.

Quando se trata da disciplina que eles têm mais afinidade em sua maioria apontaram gostar de matemática, não sabendo informar o motivo da preferência. Quando indagados sobre qual disciplina tem menos afinidade a maioria explicitou ser história, afirmando ser uma disciplina que conta histórias, sendo chata e enfadonha, como revelam suas falas: “[...] É de História. Porque tem muita história”. (Entrevistado nº.2. 12/11/09).

Essas respostas são significativas ao revelar que esses alunos apresentam maior aptidão com números do que com letras, o que pode significar deficiência na compreensão dos códigos que as letras representam ou não saberem ler mesmo, tendo os números mais facilidade para serem compreendidos. Aponta também o tipo de metodologia que se usa ao se ensinar a História de maneira descontextualizada, não havendo relação com a realidade dos mesmos, o que dificulta sua aprendizagem e aumenta o seu desinteresse pela disciplina. Essa realidade que é uma constante em nossas escolas junto com outros fatores tem contribuído muito para o fracasso escolar dos alunos. Nesse sentido se faz necessário:

Adaptar o estilo e o método de ensinar à diversidade dos alunos e manter ao mesmo tempo um clima de trabalho é uma tarefa desafiante para grande número de professores, especialmente para aqueles que trabalham com grupos de alunos que têm maior risco de fracasso. (MARCHESI; GIL. 2004, p.28).

Em seguida, ao perguntar-lhes sobre como sua professora trabalha os conteúdos em sala de aula, em sua maioria responderam que: “[...] Ela usa muito o quadro negro, o giz, faz atividades no livro e no caderno, também utiliza jogos e brincadeiras no seu processo de ensino”. (Entrevistado n.º. 3. 12/11/09). Sobre a relação professor-aluno, as respostas apontam que: “A professora mantém um bom relacionamento com seus alunos, brinca, interage e descontraí em suas aulas”. No entanto, quando são interrogados sobre suas dificuldades em sala, em sua maioria, responderam que: “[...] A maior dificuldade é na leitura”. (Entrevistado n.º. 5. 12/11/09). Para melhorar este problema, eles acreditam que a professora poderia passar mais atividades e muitas leituras. Sabemos que a leitura é antes de tudo um objeto de conquista. Assim, crianças e jovens precisam aprender a ler não apenas a escrita das palavras, mas o sentido do que as palavras querem dizer. A leitura requer um grande esforço e compreensão do texto, o que implica uma leitura do mundo. Freire afirma que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura daquela linguagem e realidades se prende dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (2001 p.14).

Sendo assim, o professor deve ser o mediador entre a criança e o mundo da leitura, procurando aproveitar sempre que possível o conhecimento que seus alunos já trazem de casa, para que não lhes causem frustrações, porém essas crianças necessitam de muitas leituras nas atividades proporcionadas em sala de aula. Nesta perspectiva, sabemos que tem crianças com facilidade em aprender algo novo, que compreende o que lhe está sendo ensinado e assim adquire rápido o processo de leitura, mas, têm aquelas que demoram mais a adaptar-se a forma como lhe é ensinado, principalmente na aquisição de leitura.

Ao desenvolver o ato de ler, o aluno se torna um aprendiz do seu próprio conhecimento. O aluno, antes de tudo, tem a liberdade de escolha da leitura, ou apenas o desejo de manusear o livro que mais lhe atrai aquele que chama a atenção até mesmo pelas ilustrações. Pois, através delas, a criança pode imaginar muitas coisa e realizar uma leitura apenas de imagens.

Cada pessoa lê de um jeito, no seu ritmo. É necessário fazer a releitura das partes do livro que mais gosta, ou tentar entender melhor as idéias do autor. O aluno só aprende a ler lendo. O aluno é concebido como sujeito ativo que constrói o conhecimento interagindo com o objeto de conhecimento e tendo o professor como colaborador. Zilberman afirma que: A leitura não passa de uma espécie de processo geral para um conjunto de atividades interativas e cognitivas em parte dirigidas pelo texto e em parte orientadas pelo leitor ou ouvinte. (1998 p.55).

O professor deve ser dinâmico para tornar suas aulas atrativas para aqueles alunos com maiores dificuldades na aprendizagem, evitando levar algumas crianças à repetência no final do ano letivo. Isso ocorre com bastante frequência nas séries iniciais, como nos mostram Marchesi e Gil; quando afirmam que,

A repetência nas primeiras séries está estreitamente vinculada a problemas no ensino da leitura e da escrita, baseada em compreensões estreitas e atrasadas da linguagem e dos processos de aprendizagem infantil e ligada a métodos pedagógicos ultrapassados. (2004 p.38).

De acordo com o que foi observado durante as aulas e através das conversas com o núcleo gestor da escola, a repetência é um fator preocupante, porém, com relação aos alunos entrevistados, eles nos mostram que este não é um dos problemas na sua vida estudantil, não sabendo se expressarem nas suas justificativas, afirmando que: “[...] Eu só passei pra terceira porque eu só tirava seis”. (Entrevistado n.º.3. 12/11/09). Neste sentido, fica claro que a repetência é algo no qual as crianças não gostam de relatar, no entanto, na realidade percebemos como é agravante este problema nas escolas públicas, principalmente quando se faz a Provinha Brasil, que é aplicada no 2.º. Ano do ensino infantil. É por meio dela, que percebemos o grande problema da educação, ou seja, da não aprendizagem dos educandos. Pois nesta turma do 2.º. Ano observa-se que desde a educação infantil que o problema começa, quando a criança passa de uma turma para outra sem saber escrever correto e sem saber ler, porém há um sistema, no qual a criança não pode repetir a educação infantil novamente sendo obrigado a se matricular no 1.º. Ano, onde aí sim começa o processo de repetência em sua vida levando-a ao começo de um fracasso escolar, ou seja,

A repetência está concentrada nas primeiras séries e está estreitamente vinculada a problemas no manejo da alfabetização infantil. Em linhas gerais, o problema mais sério da repetência está nas primeiras séries do ensino fundamental e, de modo especial, na primeira série, ponto de entrada no sistema, no qual são construídos os fundamentos e as aprendizagens essenciais que condizionarão, positiva ou negativamente, as futuras aprendizagens, a auto-estima e a autoconfiança. (MARCHESI; GIL. 2004, p.38).

Portanto, o acompanhamento da família no percurso escolar é de fundamental importância no processo de aprendizagem das crianças, pois são os pais, os principais responsáveis pela vida estudantil de seus filhos, mas sabemos que têm aqueles pais que não se preocupam tanto como deveriam, pois na maioria dos casos de fracasso escolar, diz respeito aquelas crianças que não tem acompanhamento em casa de seus familiares ou responsáveis por seus estudos, sendo assim, quando indagados sobre o acompanhamento de seus pais nos estudos, as crianças entrevistadas mais uma vez deixaram a desejar em suas respostas. Pois a maioria afirmou que seus pais participam do processo escolar, mas um deles relatou que: “[...] Às vezes”. (Entrevistado nº.4. 12/11/09). Assim sendo, a escola, na pessoa do professor deve procurar conhecer bem a realidade individual de cada aluno, e assim buscar subsídios para superá-los, seja por meio de conversas informais com as famílias destes educandos com dificuldades na aprendizagem, seja com aulas que envolvam a família, é o que nos mostra Hoffmann quando diz que:

Crianças, jovens e adultos continuam a ter problemas de aprendizagem em nossas escolas porque não há, de fato, um conhecimento verdadeiro das suas condições de vida, porque não se formam professores alfabetizadores competentes em cursos de magistério e licenciaturas, porque há muitos alunos em cada sala de aula, porque não existem recursos didáticos (livros e materiais pedagógicos), espaços adequados nas escolas, segurança, conforto, porque os professores não têm tempo e espaços nas escolas para formação continuada, porque são mal remunerados, porque fazem longas jornadas de trabalho, sem tempo de se preparar para a realidade que enfrentam, de planejar suas aulas, de atender suas famílias. (HOFFMANN. 2005, p.60).

O que implica numa defasagem na aprendizagem dos alunos, cabe ao professor ser um pesquisador de novos conteúdos, que vá além do proposto nos livros didáticos adotados pela Secretaria de Educação do Município, além de pesquisar novos conteúdos, o professor deverá entender as dificuldades dos educandos e assim procurar novas metodologias de ensino.

CAPÍTULO IV

4 ESTÁGIO: ESPAÇO DE REFLEXÃO E CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE

Neste capítulo foi apresentado do estágio entendendo-a como práxis que possibilita a construção e a reflexão docente. Buscou-se problematizar, questionar, no sentido de entender como o estágio possibilita o contato com a realidade dos alunos, nos ajude a entender e compreender a complexidade do ato de ensinar e dos problemas que nossa educação enfrenta, bem como o entendimento da necessidade de estarmos em constante reflexão e mudança de nossa prática docente para atender a complexidade daquela realidade.

4.1 Estágio: práxis da construção docente

O estágio supervisionado em docência acaba nos colocando com uma realidade diferente da pensada e imaginada pelos teóricos que lemos na Universidade, considero que a verdadeira prática e laboratório da docência é a sala de aula e, os alunos são em parte quem nos ensinam colocando-nos em situações diversas que nos impõe termos formas e meios de reagir, agir, se adequar, mudar e mesmo assim propiciar aprendizagem.

Sendo assim, o estágio e a reflexão aparecem como elementos que são fundamentais para a formação do futuro professor, criando assim, oportunidades para que os estudantes possam desenvolver suas capacidades assegurando aos futuros professores um conhecimento do contexto escolar, dando-lhes oportunidades para observarem, compreenderem e refletirem sobre as situações e as práticas ali presentes. Como nos mostra Pimenta ao relatar que:

[...], o estágio pode não ser uma completa preparação para o magistério, mas é possível, nesse espaço, professores, alunos e comunidade escolar e universidade trabalharem questões básicas de alicerce, a saber: o sentido da profissão, o que é ser professor na sociedade em que vivemos, como ser professor, a escola concreta, a realidade dos alunos nas escolas de ensino fundamental e médio, a realidade dos professores dessas escolas, entre outras. (PIMENTA, p.100. 2004.).

Sendo assim, o estágio supervisionado vem como um momento privilegiado para o desenvolvimento do trabalho visto durante a formação, uma vez que é durante o estágio que entramos em contato com o exercício da docência. As situações vivenciadas na prática durante este período são situações reais, onde podem surgir problemas e dificuldades semelhantes ao que os professores se deparam no dia-a-dia da escola e, podem vir a acontecer no futuro para aqueles que atuarem nesta área. No entanto, com um diferencial, que durante estágio supervisionado, pode ocorrer à parceria entre o docente titular da sala de aula campo de estágio com o estagiário.

Nesta perspectiva, “[...] estabelecer relações teoria-prática-teoria, torna-se mais confortável em relação ao processo de aprender a ensinar e é mais eficiente ao colocar o que está aprendendo nos cursos em prática”. (MIZUKAMI, 2008, p. 218). Assim,

quando o futuro docente procura vivenciar sua experiência durante o período do estágio supervisionado em paralelo com o que foi visto durante seu curso de formação, torna-se bem mais fácil estabelecer tais relações. Nesta perspectiva, o período do estágio supervisionado em docência realizado na turma do 2º. ano do ensino fundamental I, na Escola Vicente Felizardo Vieira, no período de 30 de agosto a 13 de setembro, na sala de aula campo de trabalho, desde o início do ano como pode ser lembrado através das narrativas do Estágio, sendo que:

No Município de Ipaumirim, as turmas de 2º. ano do fundamental I, seguem um programa do Governo do Estado do Ceará, que traz a sigla PAIC(Alfabetização na Idade Certa), e tem como finalidade alfabetizar as crianças de acordo com sua idade. As atividades do 2º. Ano neste ano, utiliza o material e tem o acompanhamento da Editora Base, que fornece dois livros para os alunos, um para ser trabalhado no primeiro semestre e o segundo que está sendo trabalhado agora no segundo período letivo, nos quais trazem as disciplinas de português, matemática, história, geografia e ciências, e ainda tem o material de apoio para o professor com atividades de artes e educação física, bem como também uma agenda do estudante, onde as crianças utilizam para fazer seus registros diários das atividades a serem trabalhadas. A editora também dá um suporte com: cartazes com textos, parlendas, trava-línguas, poemas e cantigas, que servem de subsídios para nós professores. No entanto, cabe a nós docentes do 2º. ano não se prender apenas a estes materiais e buscar outras criatividades que tornem ainda mais fácil a aprendizagem dos educandos.(DIÁRIO DE CAMPO, 30-08-2010).

Durante o período do estágio, as atividades diárias foram realizadas como de costume. Acolhida, oração, frequência dos alunos, correção das atividades de casa e anotações na agenda do que eram trabalhadas na aula, as demais atividades foram às seguintes: uma atividade de leitura e escrita de um ditado de palavras com o intuito de levar as crianças a desenvolverem a escrita e a percepção dos sons das palavras. O ditado foi com palavras retiradas da música de Vinicius de Moraes: "A Casa" (1991) escrita no livro CAMINHOS, que as crianças utilizam no dia-a-dia das aulas, bem como também do cartaz exposto na sala de aula. Após a leitura acompanhada pelas crianças da letra da música, com o apoio do alfabeto móvel elas montaram em suas mesinhas a palavra citada por mim e só depois transcreveram para o caderno como uma atividade de sala, em seguida realizou-se a correção do ditado, onde as crianças puderam identificar seus erros. No livro didático as crianças teriam que identificar as palavras

que rimam também dentro da mesma música que estava sendo trabalhada desde as aulas anteriores. “Nesta atividade percebi que algumas crianças ainda tiveram dificuldades tanto na formação como na escrita das palavras do ditado. Assim como também na atividade onde eles teriam que formar rimas”. (DIÁRIO DE CAMPO, 01-09-2010).

Com a atividade de Geografia foi solicitado que as crianças trouxessem para a sala de aula figuras de diferentes tipos de casas, elas colaram em uma cartolina identificando os diferentes tipos de moradias, este cartaz foi assinado por todas as crianças e ficou exposto na sala de aula.

4.2 Estágio: possibilidades de redimensionamento da docência

Diante do material didático que nos é posto todos os dias para desenvolvermos nossas aulas, muitas vezes descontextualizados, alheios a realidade de nossos alunos, provocando em nós o desafio de repensar esse material e a construir uma aula prática que atenda de fato as necessidades dos mesmos. Arroyo nos mostra que é preciso que;

Como profissionais da formação da infância, da adolescência e da juventude, quando planejamos uma aula ou um projeto, quando organizamos atividades, tempos ou espaços, quando escolhemos metodologias, deveríamos centrar nossa atenção nas dimensões que poderão se formar nos educandos. (ARROYO apud METZ p.60, 2010).

Durante o período do estágio, dá para se fazer uma reflexão e questionarmos todos os dias nossa atividade docente para atender a realidade e o alunado que temos, pois, são eles a principal fonte de realização de ensino e aprendizagem, estamos formando cidadãos para atuarem no futuro da humanidade.

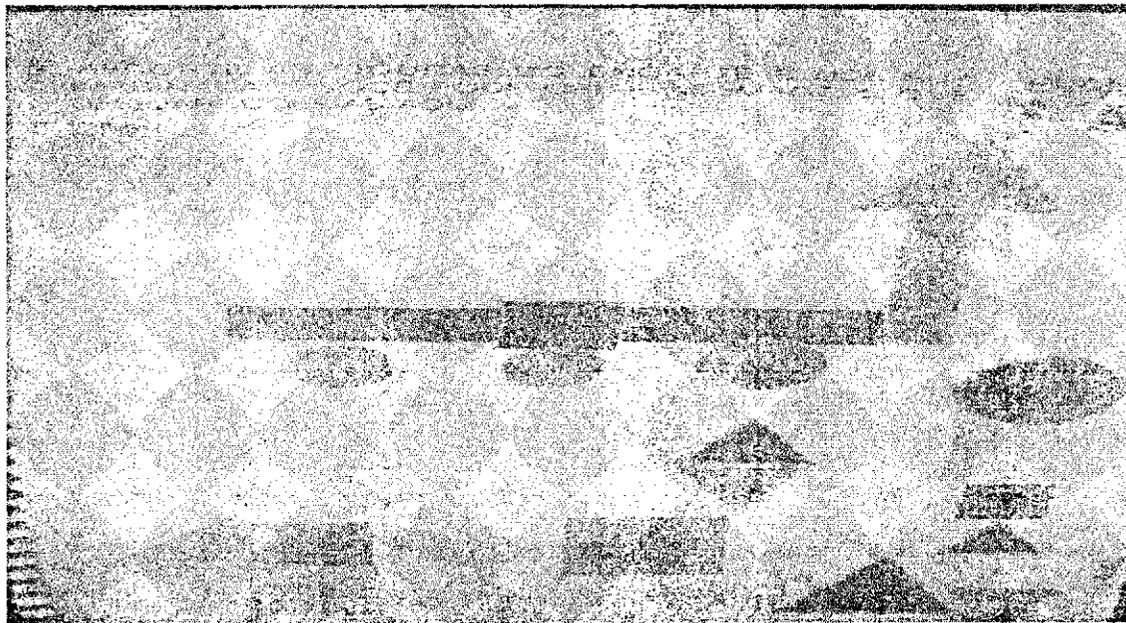
No entanto, as atividades do livro fazem com que as crianças observem e façam a “leitura de imagens, explorando cada informação ali contida, identifiquem as cores e os modelos das casas, prédios e casarões. Foi realizada uma leitura passo-a-passo do texto”, (PORTFÓLIO, 31/08/10). No caderno as crianças escreveram uma atividade de interpretação textual. O segundo passo foi a “identificação das moradias construídas com tijolos, palha, madeira, casas grandes e pequenas, as casas das grandes fazendas e

dos prédios, onde elas observaram várias gravuras de diferentes tipos de construções de moradias. Com isso, as crianças teriam que identificar os tipos de materiais utilizados para a construção de tais moradias mencionadas

Com a matemática as crianças trabalharam as formas geométricas, onde elas reconheceram as formas planas e identificaram partes de suas moradias que tem estas formas, no livro didático realizaram a leitura de imagens e em seguida uma atividade de recortes e colagens no próprio livro, diante das atividades propostas,

[...], as crianças não tiveram grandes dificuldades, a turma foi dividida em grupos de quatro alunos, onde eles teriam que usar a criatividade e montar com as formas geométricas o que eles imaginassem, a princípio eles recortaram do encarte de seus livros, as formas geométricas e cada grupo montou o que veio em suas imaginações. (DIÁRIO DE CAMPO, 02-09-10).

Cada criança montou o que veio em sua imaginação, mesmo sendo um trabalho em grupos, como nos mostra a foto seguinte;



Fotografia 1 - Trabalho de recorte e colagem com as formas geométricas
Fonte: Portfólio dos planos de aula e atividades do estágio

Diante do exposto, percebe-se que esta seria mais uma atividade na qual seria trabalhada de forma individual. Porém, acreditei em uma forma diversificada de trabalhar e que poderia ser feita em grupos e os resultados foram o que esperava, as crianças interagiram umas com as outras e a socialização dos trabalhos foram

significativos. Nesse contexto, Metz faz o seguinte relato: “Promover interações na sala de aula é dinamizar a prática pedagógica, favorecendo as atividades em grupo e possibilitando o diálogo entre todos os alunos”. (p.39, 2010). Em seguida, Cordeiro completa dizendo que,

Por outro lado, também é possível tentar mobilizar as dimensões coletivas para auxiliar o ensino e a aprendizagem, na medida em que se ensinam em situação de sala de aula onde se encontram presentes diversos indivíduos. É possível desenvolver procedimentos didáticos que propiciem uma partilha de conhecimentos e das técnicas envolvidas na sua aquisição, de tal maneira que se estabeleçam dinâmicas de cooperação e formas de trabalho mais coletivas durante as aulas. (CORDEIRO, p. 88. 2007).

Portanto, diversificar a metodologia de ensino, leva a criança a ter maiores interesses em aprender e assim querer ensinar aos seus colegas com menos aptidão para a aprendizagem durante a realização das atividades, uma forma interativa e coletiva de se trabalhar em sala de aula, tornando o ambiente escolar menos tradicional, onde pode-se despertar nas próprias crianças o companheirismo e ajuda mútua.

Outra atividade trabalhada em sala é de adivinhação, na qual, as crianças fizeram a leitura do cartaz exposto, e em seguida a leitura de imagem em seus livros, ficando fácil a identificação da resposta da adivinha. “Uma sala tem quatro cantos, cada canto tem um gato, cada gato vê três gatos, quantos gatos há na sala?”. (PORTIFÓLIO, 03-09-2010). Depois com o apoio do alfabeto móvel as crianças montaram a adivinha em suas mesinhas, foram solicitados que fossem trocando as palavras por outras do tipo; gato por pato, rato levando-os a identificarem a diferença após ter sido feita tais trocas, e imediatamente algumas crianças falaram: “a diferença foi na troca da primeira letra das palavras solicitadas para a troca”. (DIÁRIO DE CAMPO, 03-09-2010). As crianças também montaram outras palavras que trocando apenas a primeira letra ou sílaba formam outras palavras, com isso a percepção de leitura ficando cada vez mais fácil para as crianças que ainda não conseguem ler com fluência.

4.3 Docência: espaço de desenvolvimento, reflexão, recriação e construção de aprendizagem

A atividade docente é uma prática que se constrói todos os dias no contato com os alunos, percebendo suas dificuldades, acompanhando seu desenvolvimento e, dessa forma agindo de maneira a lhes dá condições para que consiga desenvolver sua aprendizagem. Nos dias de estágio desenvolvidos é perceptível essa necessidade de estarmos em constante mudança e em contato direto com o aluno lhe acompanhando e fazendo de sua realidade uma possibilidade de construção de um saber, de construção das aulas e de mudança de postura docente. Isso é recorrente e visto quando planejamos a aula em casa e encontramos uma realidade daquela imaginada, nos impondo mudar nosso planejamento para atender aquela realidade, o que nos leva a construir aulas diversas e dinâmicas para cada dia de aula, considerando vários aspectos da realidade dos alunos e do contexto em que os mesmos estão inseridos.

No estágio temos uma noção prática da realidade de nossos alunos nos impondo uma redefinição de nossa prática docente fazendo de cada dia de aula um dia diferente, atrativo, significativo, prazeroso para que os alunos se mantenham na escola, construam aprendizagem e não caiam no fracasso escolar e conseqüentemente da vida. No estágio é que percebemos a necessidade de termos uma prática sempre em construção, reflexão e redefinição, pois de nossa prática muitas vezes está dependendo o crescimento, o desenvolvimento, a aprendizagem e a vida dos alunos que tem na escola a porta de entrada para a sociedade e, nesse sentido é dedutível afirmarmos que muitos de nós docentes mais fechamos do que abrimos essa porta, levando a morte social de nossos alunos e, conseqüentemente a nossa enquanto profissionais. É urgente a necessidade de reflexão e redefinição de nossa prática.

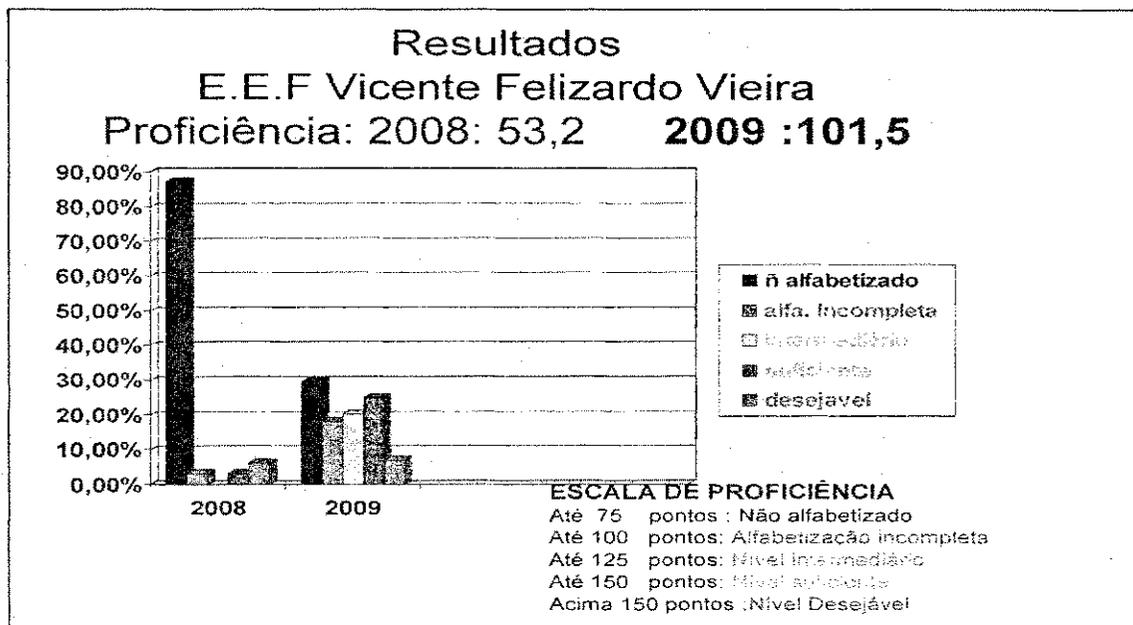
Nesta perspectiva no estágio desenvolvido, na sexta-feira, a aula não segue o programa do livro, pois realizamos apenas atividades que envolvam leitura e escrita, que possam desenvolver nas crianças maiores habilidades, para os alunos que já lêem com fluência, este tipo de atividade visa aprimorar seus hábitos de leitura, para aqueles com certas dificuldades na leitura e na escrita, estas atividades buscam fazer com que eles tenham maiores desempenho para que possam no futuro ler também sem tantas dificuldades. Neste sentido, na sexta feira as atividades são de leitura e escrita de textos. Como eles imaginam uma história, criando seus personagens, um ambiente a sua

maneira. Por exemplo: Era uma vez, uma linda menina de olhos azuis e cabelos cacheados, que morava... Desta forma as crianças dão continuidade à história ficando por conta de suas imaginações. Já aquelas crianças que ainda não dominam a leitura e a escrita, a atividade é diversificada, proporcionando uma leitura de palavras escritas em fichas, escrevendo ditados de palavras, onde as crianças passam a ter maiores interesses em aprender a ler e desenvolver a escrita em seus cadernos. (Atividades do portfólio). Neste sentido, a autora Metz afirma que:

Além de ler e escrever, no sentido de codificar e decodificar, a escola tem a função de ensinar o uso dessas habilidades em práticas sociais. Em outras palavras, o aluno precisa perceber que ler e escrever são necessários para a sua qualidade de vida. Quando o professor se predispõe a trabalhar estas habilidades nos anos iniciais do Ensino Fundamental, precisa saber que, mesmo antes de o aluno saber ler e escrever socialmente, ele já faz algumas observações que são importantes e devem ser consideradas no momento da aprendizagem. (2010, p.87).

Neste dia, a sexta-feira, a aula é mais dinâmica por ser o último dia da semana, onde as crianças estão mais eufóricas com o fim de semana e, apresentando um pouco de cansaço em relação as atividades desenvolvidas na semana. Dessa forma desenvolvemos a aula como se fosse uma brincadeira sem que os mesmos percebem que estão desenvolvendo aprendizagem enquanto brincam, ou seja, pensando um a aula mais prazerosa e significativa.

As crianças na fase de aprendizagem e alfabetização usam muito suas imaginações e, se encontram algumas gravuras contam belas histórias, o que lhes faltam é a decodificação da escrita, ou seja, ao relatar uma situação percebemos a grande dificuldade na escrita, as crianças estão escrevendo com bastantes dificuldades, e nós professores temos que buscar melhorar a escrita de nosso alunado. Diante do processo no qual se encontram as turmas do 2º. ano do fundamental I do corrente ano, é que pode-se perceber que a maior parte dos alunos já lêem sem tantas dificuldades, o que os diferenciam das turmas anteriores, pois chegavam ao final do ano com grandes dificuldades na leitura e principalmente na escrita. Agora é preciso que as crianças possam melhorar a escrita. Diante do exposto, o gráfico a seguir nos mostra como estava o índice de proficiência na Escola Vicente Felizardo nos últimos dois anos.



*FONTE: da SEDUC do Estado do Ceará a respeito do IDEB do Município de Ipaumirim.

Desta forma, percebe-se um pequeno avanço de 2008 para 2009, no sentido de que o nível dos alunos do 2º. Ano, que em 2008 estava 53,2 onde os alunos eram considerados não alfabetizados, diminuindo este índice em 2009 onde na escala chegou 101,5 prevalecendo agora o nível intermediário. Espera-se que neste ano de 2010, os resultados possam novamente mudar para melhor, e as crianças tenham bom rendimento.

4.4 O primeiro passo para o caminho da leitura

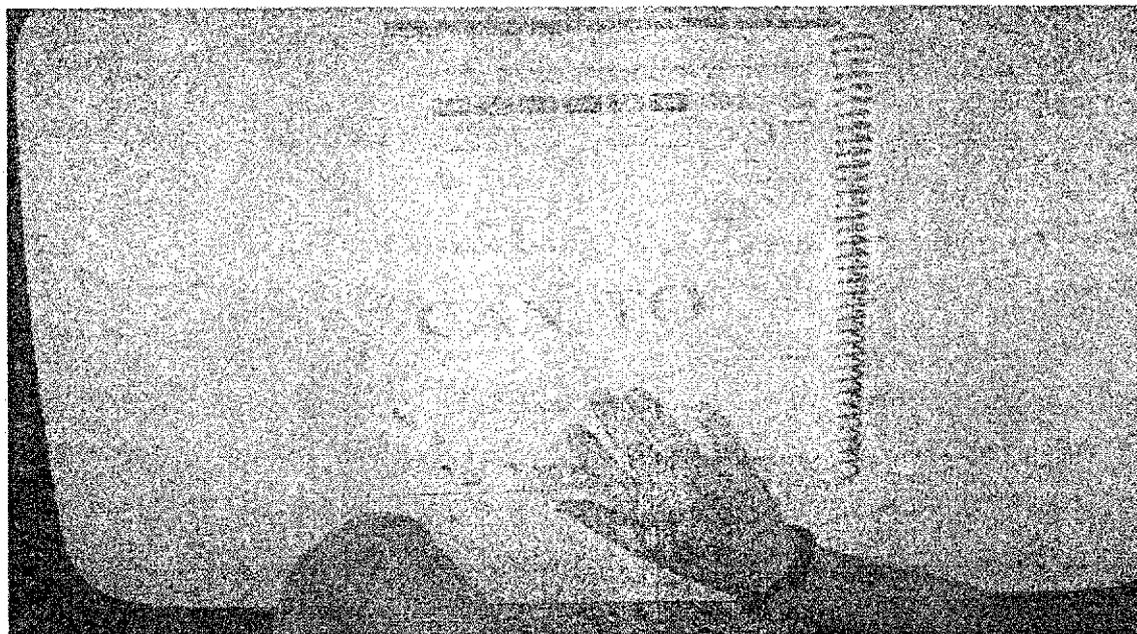
Numa sociedade marcadamente moderna e tecnificada, onde o acesso as informações passa pela leitura e decodificação de códigos e símbolos, a leitura é posta com uma ferramenta essencial para a sobrevivência, inserção e sociabilidade do indivíduo em sociedade. O que nos impõe enquanto docentes pensarmos com cautela nossa prática docente na busca de propiciarmos que nossos alunos não só que alcancem essa ferramenta, mas façam da leitura elemento de mudança, de seu mundo e da sociedade em que vive, sendo os mesmos parte viva e atuante dessa sociedade, tornando-a mais democrática e justa.

A leitura não é apenas decodificar símbolos, mas entender o mundo em que se vive, compreender o contexto e a realidade, saber lidar com as situações do cotidiano,

conviver, refletir, atuar, mudar e entender a diversidade humana e da própria leitura. Nesta perspectiva na atividade proposta para as crianças, elas teriam que identificar as cores de sílabas das palavras e com as cores indicadas formar novas palavras, para tornar mais fácil para as crianças foram elaboradas umas fichas de acordo com o descrito pelo livro, onde as crianças puderam manusear as fichas e assim montar em suas cadeiras as palavras de acordo com a sequência do livro. Veja as fotos a seguir;



Fotografia 2- Trabalho de recorte e colagem com as formas geométricas
Fonte: Portfólio dos planos de aula e atividades do estágio



Fotografia 3- Trabalho de recorte e colagem com as formas geométricas
Fonte: Portfólio dos planos de aula e atividades do estágio

Após a realização desta atividade, as crianças puderam fazer a seguinte percepção: “[...] a formação de novas palavras a partir de palavras já escritas tornando-se mais fácil para o entendimento das mesmas. (DIÁRIO DE CAMPO 06-09-10). Em seguida, foram realizadas leituras individuais destas palavras, agora escrita no livro didático. Na atividade de casa as crianças escreveram questões semelhantes com o visto em sala de aula para melhor aprendizado.

Ao trabalhar o esquema corporal e as noções de medidas e espaço. As crianças fizeram a leitura de imagem da página 40, onde mostram crianças num espaço escolar medindo com passos, palmos e fita métrica o espaço da sala de aula, como nos mostra a foto;

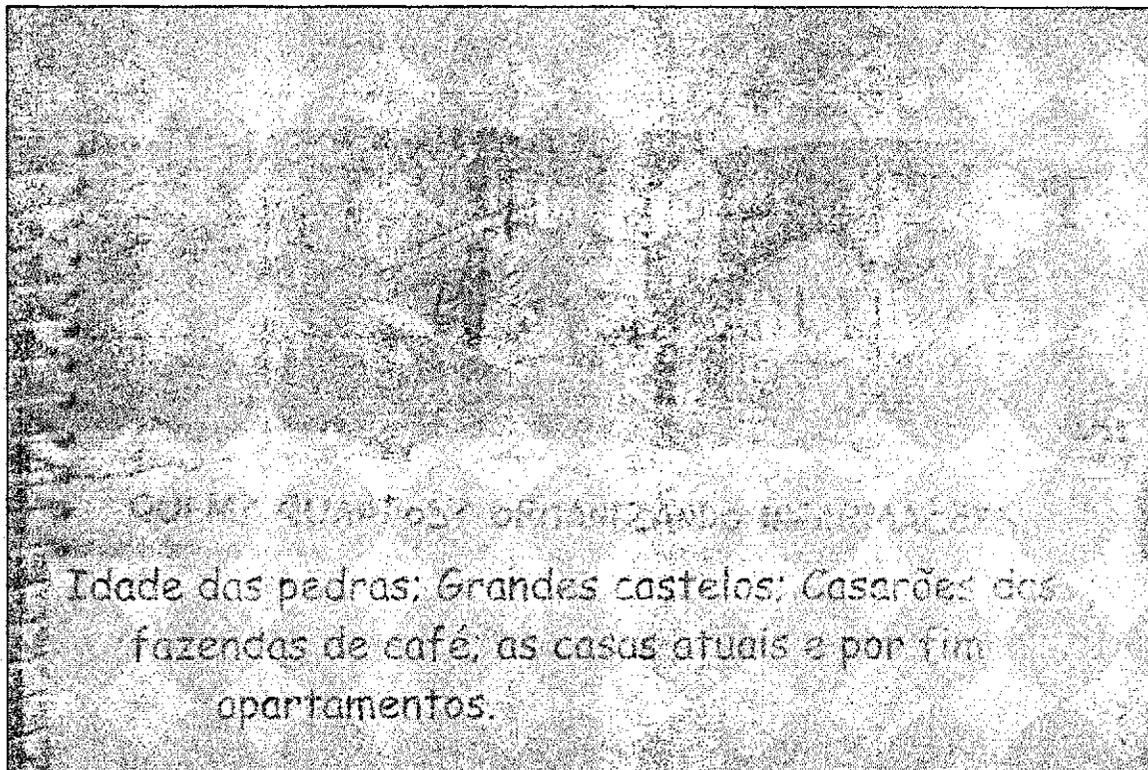


Fotografia 4 - Trabalho de recorte e colagem com as formas geométricas
Fonte: Portfólio dos planos de aula e atividades do estágio

Logo em seguida realizamos em nossa sala de aula uma atividade semelhante ao que eles acabaram de ver nas imagens do livro. Individualmente, aluno por aluno fez seu esquema de medidas e depois foram indagados a responder ao seguinte questionamento:

- Quem deu mais passos para medir a lateral da sala?
- Seria mais fácil a utilização da fita métrica? Por quê?
- Podemos usar a fita métrica em quais situações?

Na disciplina de História, com o apoio do livro didático puderam observar as imagens dos tipos de moradias existentes desde a antiguidade até os dias atuais, veja o modelo em anexo:



Fotografia 5 - Trabalho de recorte e colagem com as formas geométricas
Fonte: Portfólio dos planos de aula e atividades do estágio

As crianças fizeram a leitura de imagem, e identificaram todos os tipos de casas, e ainda mencionaram: “a falta de uma gravura da oca dos índios, que também é um tipo de moradia.” (DIÁRIO DE CAMPO, 09-09-10). Ao ouvir as indagações das crianças, solicitei para que fizessem um desenho onde eles acrescentaram a moradia dos índios, após esta atividade, voltamos para o livro didático, onde responderam as atividades que o livro traz sobre o referido tema. As crianças expressam suas criatividade e habilidades nas atividades.

Com a atividade de ditado ilustrado, (DIÁRIO DE CAMPO 10-09-10), “as crianças ao ver a gravura de um determinado objeto, frutas ou animais, elas tentam escrever” e, ao término da escrita das palavras em seus cadernos, as crianças são solicitadas a escreverem no quadro de giz, onde, com ajuda de seus colegas, elas possam identificar seus respectivos erros ortográficos e, assim corrigi-los. Desta forma, após várias atividades realizadas é perceptível o avanço na escrita dos nomes de certas gravuras apresentadas a elas. A atividade seguinte, as crianças puderam trabalhar o

cálculo mental com adições, e escrita dos números por extenso. Nesta perspectiva, é importante se trabalhar o ensino da matemática desde as séries iniciais, de uma forma que as crianças tenham vontade de aprender a cada nova aula, e não de uma forma na quais as crianças formulem como uma disciplina não prazerosa. Que não queiram aprender por acreditarem ser uma disciplina complicada e de difícil aprendizagem. Nesta perspectiva, Souza faz a seguinte colocação:

Muito mais do que um conteúdo escolar a matemática, como qualquer outra área do conhecimento, representa um contexto de valores, um sistema de vivências que necessitam ser resgatadas, compreendidas e superadas a cada nova geração. (p.95. 2007).

Ou seja, cabe a nós enquanto professores das séries iniciais, possibilitar que as crianças conheçam a matemática de forma descontraída, onde a criança possa aprender brincando, e assim, não ter receios quando se falar nesta disciplina. Ou então, “Enquanto não nos for possível repensar a educação em seus fundamentos, a matemática e qualquer outra disciplina estarão fadadas ao fracasso na formação do aprendiz e, mais seriamente, na formação dos educadores”. (SOUZA, p.95. 2007).

Na atividade do livro didático, as crianças tiveram a oportunidade de identificar as gravuras das moradias da página 52, desta vez apareceu uma gravura da oca dos índios e, (ALUNA, 13-09-10), fez a seguinte afirmação: “desta vez apareceram figuras das casas dos índios”, (DIÁRIO DE CAMPO,13-09-0). Logo percebi que: as atividades contidas em seus livros seguem uma sequência, e que a cada aula a novas descobertas, em seguida foi realizada uma leitura do texto que fala do passo-a-passo das construções, após esta leitura as crianças relataram como são suas casas, de que são feitas, se é grande ou pequena, na cidade ou na zona rural, depois pedi que demonstrassem em desenhos como eram as suas casas. Na atividade de casa pedi que escrevessem um pequeno texto, relatando como são as casas deles, onde no início do texto foi assim: “vou descrever agora como é a minha casa. Ela é... deixando que eles continuem sua história”. (PORTFÓLIO, 13-09-10).

São neste tipo de atividades que podemos perceber as reais dificuldades na escrita dos alunos, nesta perspectiva Libâneo, (1994. p. 43) afirma que;

O domínio da leitura e da escrita, tarefa que percorre todas as séries escolares, é a base necessária para que os alunos progridam nos estudos, aprendam a expressar suas ideias e sentimentos, aperfeiçoem continuamente suas possibilidades cognitivas, ganhem maior compreensão da realidade social.

Com atividades desse tipo, levando a criança a expressarem suas ideias, mesmo errando ortograficamente, mas que possam expressar seus sentimentos na escrita de pequenos textos, fazendo relatos de sua história, de seus conhecimentos, dando-lhes liberdade de expressão. Só assim, talvez, conseguiremos no futuro ter uma escola sem tantos alunos com índices de fracasso escolar.

Portanto, entendo a educação como algo vital para a vida das pessoas e de um país. Nesse sentido, compreende-se que a alfabetização é base para que o aluno possa ter sucesso na vida escolar e em sociedade. Nesse estágio e em minha prática docente é perceptível as dificuldades de se realizar uma alfabetização eficiente, pois há uma variedade de problemas de ordem social, política, econômica, cultural e familiar que envolve as crianças e suas famílias. Essa variedade de problemas acaba refletindo na aprendizagem e desempenho dos mesmos, nos impondo para que tenhamos verdadeira paixão se quisermos de fato levar aqueles alunos um pouco de esperança para saírem da situação que vive. Quando falo em paixão não estou sendo demagógica, mas mostrando a realidade que envolve os alunos e professores nesse município e no país. É neste sentido que as autoras Lima e Pimenta (2004, p.35) afirmam que,

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer 'algo' ou 'ação'. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, reelaboração dos modelos existentes na prática consagrados bons.

Diante disso e de outras dificuldades aqui não reveladas é dedutível se dizer que o estágio e a docência são atividades que nos impõe antes de tudo que sejamos humanos, e assim trabalharmos com as condições e problemas que temos, buscando soluções, alternativas, meios que propiciem a aprendizagem dos alunos e possa lhes apontar uma saída e um futuro. Pois, é através da prática que nos aproximamos da

realidade. As teorias nos oferecem subsídios para entender o contexto social, cultural e histórico através das pesquisas realizadas durante nossa formação acadêmica.

Ser docente é antes de tudo acreditar, mas também fazer acontecer, possibilitar e mostrar saídas e meios ainda que esses não existam, cumprindo assim com nosso papel social como formadores de cidadãos, mas principalmente dos seres humanos que o mundo tanto precisa.

CONCLUSÃO

Portanto, ao concluir este trabalho, percebe-se que não existe um único “culpado” pelo fracasso escolar. Na maioria das vezes, as crianças são consideradas como portadores de certos tipos de “desvios” ou apresentam certas dificuldades em sua aprendizagem, como: a dislexia (dificuldades de leitura), as disortografias (dificuldades na escrita com a ortografia). Diante disso, é preciso que a escola e os profissionais que nela trabalham façam um levantamento dos possíveis problemas que possam levar o aluno a fracassar, dentre eles, podemos citar alguns fatores que possam ocasionar o referido fracasso como: a estrutura da escola, a formação dos docentes, à situação real de vida da criança, o contexto familiar, etc, no entanto, é necessário levar os docentes a trabalharem com um olhar para a percepção das dificuldades de aprendizagem manifestadas pelos alunos, nas quais, algumas vezes passam despercebidas.

O fracasso escolar não é algo novo, pois já advém de outras décadas, porém, é discutindo, estudando e pesquisando, que podemos criar novas teorias que possam dar maiores subsídios juntamente com as teorias antigas para a solução de tal problema. Não podemos aqui encontrar culpados, mas encontrar meios para melhorar o ensino e a aprendizagem das escolas de nosso País.

Portanto, pode-se analisar que os alunos observados durante todo este percurso, tiveram certo avanço, pelo menos aqueles que apresentavam dificuldades na leitura, agora estão lendo sem tantas dificuldades, apenas aqueles nos quais apresentam dislexias e disortografia em que ainda não conseguiram avançar como desejava. Porém uma turma de 2º. ano onde as crianças vão para uma série seguinte já lendo, demonstra que futuramente estes alunos irão apenas desenvolver-se oralmente, em vez de seguir em aprender a ler.

Essa realidade pôde ser melhor compreendida durante o estágio, quando tivemos um maior contato com os alunos pois tive como compreender densamente a realidade dos alunos. Conhecendo a realidade escolar e parte de sua vida cotidiana dos mesmos, seja em conversas com os pais, com colegas docentes e outros funcionários que conhecem a realidade das crianças, pude ter uma maior dimensão do que envolve o ensino, a aprendizagem e, com isso as possíveis causas que levam ao fracasso escolar os mesmos. No contato com as crianças e nos bastidores é recorrente perceber que aqueles que apresentam maiores dificuldades e possibilidades de fracasso têm

problemas não só de ordem biológica, orgânica, mas de ordem familiar, seja separação de pais, alcoolismo na família, pobreza extrema, mães e pais solteiros, analfabetismo por parte dos pais, morar na zona rural indispondo de alguns bens necessários à sobrevivência, alimentação pobre em nutrientes, problemas de ordem biológica que aparentemente se percebem, como dislexia, problemas de visão, baixo rendimento escolar, raquitismo, problemas de audição, dicção, que por conta de sua condição social não é percebido e não se busca solução.

Diante disso, é dedutível que nossos alunos fracassam por fatores diversos e, estando muitas vezes sujeitos a uma educação descontextualizada e docentes insensíveis ou até despreparados e uma escola que pouco acolhe, mais sabe punir em vez de tentar entendê-los e, isso acaba levando-os necessariamente a um fracasso constante, castrando-os em seu primeiro contato, segregando-os, vitimando-os no espaço onde os mesmos deveriam receber as condições necessárias para sua melhoria, para ter e apreender elementos que lhes dessem condições de viver em sociedade dignamente. Nesse sentido, é dedutível e compreensível entender a partir da realidade estudada dos dados analisados, que o fracasso escolar é um problema mais complexo do que se pensa, que envolvem elementos e problemas de várias naturezas, que necessitam de uma maior discussão para assim compreender e buscar soluções, que de fato atendam as reais condições dos alunos, lhes dando subsídios para que possam aprender e ter condições de atuar e conviver em sociedade.

Nessa perspectiva, esse estudo se coloca como ponte e possibilidade de uma maior discussão dessa temática e, com isso a busca de soluções que possam ajudar a resolver esse problema, contribuindo assim para a construção de uma educação de melhor qualidade que possa de fato educar nossos alunos. Este estudo não é conclusivo, mas apenas um início de discussão desses e outros problemas que envolvem a educação em nosso País e que necessitam de serem discutidos, questionados, na busca de quebrar velhos modelos e conceitos, na tentativa de se construir uma educação e uma escola que de fato proporcione aprendizagem, permitindo que os alunos possam crescer e se tornarem agentes de sua história, contribuindo para com essa sociedade, tornando-a mais justa e democrática. Só assim a escola e nós docentes estaremos contribuindo e cumprindo com o nosso papel social para com os nossos educandos e a sociedade em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- CORDEIRO, Jaime. Didática. 1 ed., 1ª. Reimpressão – São Paulo: Contexto, 2007.
- DEMO, Pedro. *Saber Pensar*. 3 ed. São Paulo: Cortez / Instituto Paulo Freire, 2002.
- FONTANA, David. *Psicologia para professores*. São Paulo. Edições Loyola, 1998.
- FONTES DOCUMENTAIS: *Diário de Campo* de 30 de agosto de 2010 a 13 de setembro de 2010; Portfólio – *Arquivo dos Planos de Aula e das Atividades realizadas no Estágio Supervisionado em Docência*, Distrito de Felizardo Vieira – Ipaumirim – CE, 30 de agosto de 2010 a 13 de setembro de 2010.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* – 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- GONSALVES, Elisa Pereira. *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.
- HOFFMANN, Jussara. Sistema de avaliação é a causa ou consequência do fracasso escolar? In; *O jogo do contrário em avaliação*. Porto Alegre. Mediação, 2005. p. 59-68.
- LIBÂNEO. José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
- MARCHESI, Álvaro; GIL, Carlos Hernández. *Fracasso Escolar. Uma Perspectiva Multicultural*. /Org. por Álvaro Marchesi; Carlos Hernández Gil. Trad. Ernani Rosa. – Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MIZUKAMI, M.G.N. Aprendizagem da docência: conhecimento específico, contextos e práticas pedagógicas. In NACARATO, A.M. *A formação do professor que ensina Matemática: perspectivas e pesquisas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 240p. 1ª ed.
- PERRENOUD, Philippe. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. *Pedagogia diferenciada: das intenções à ação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. *Porque o estágio para quem não exerce o magistério: o aprender a profissão*. In. Estágio e docência/ Selma Garrido Pimenta, Maria Socorro Lucena Lima; revisão técnica José Cerchi Fusari, - 2 ed – São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido. *Estágio: diferentes concepções*. In. Estágio e docência/ Selma Garrido Pimenta, Maria Socorro Lucena Lima; revisão técnica José Cerchi Fusari, - 2 ed – São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Jurandir dos. **História oral, fontes documentais e narrativas como recursos metodológicos na educação**. In: III Seminário de Educação: Memórias, Histórias e Formação de Professores. São Gonçalo, 2007. Disponível em: <<http://www.zonadigital.com.br/redes/adm2/bib/HIST%C3%93RIA%20ORAL,%20FONTES%20DOCUMENTAIS%20E%20NARRATIVAS%20COMO%20RECURSOS.pdf>>.

SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. *Apresentação de trabalhos acadêmicos: Normas e Técnicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SOUZA, Erenice Jesus de. *Ensino fundamental: prática docente nas séries iniciais / Mercedes Carvalho (organizadora)*. 2 ed – Petrópolis, RJ. Vozes, 2007.

TIBA, Içami. *Quem ama, educa!*. São Paulo, Editora Gente 2002.